

# Escolas públicas

GERAL

O ESTADO DE S. PAULO - A13

EDUCAÇÃO

## funcionam precariamente

*Há poucos professores, prédios estão malconservados e faltam água e gás*

MARIA LÍGIA PAGENOTTO

**A** menos de um mês do final do semestre letivo, as escolas públicas da cidade de São Paulo continuam funcionando precariamente. Faltam professores e funcionários, os prédios estão sem conservação, há falta de água e gás em alguns estabelecimentos, carteiras estão destruídas, há lixo pelos pátios e corredores.

Um exemplo típico de estabelecimento abandonado pelas autoridades é a Escola Estadual de Primeiro Grau Faria Lima, localizada no bairro da Pompéia, Zona Oeste. Ali, há cerca de um ano foi suspenso o fornecimento de gás e os alunos estão sem merenda. A água também, vez por outra, torna-se artigo raro na escola. "O colégio ficou mais de 15 dias sem água porque a bomba quebrou e não havia verba para consertá-la", queixou-se a dona de casa Mariana Petraglia Miguel, mãe de duas crianças.

Durante o tempo em que ficou sem água, a direção do Faria Lima dispensava os alunos na hora do re-

creio, apenas duas horas após o início da jornada escolar. A solução para o problema foi contornada por um pai de aluno, que se prontificou a arrumar a bomba. "Os gastos foram divididos entre os pais", disse Mariana. Segundo ela, as salas de aula da escola estão com uma aparência "decadente". Poucas são as carteiras inteiras, as cortinas estão rasgadas, os vidros, quebrados, o chão está constantemente sujo e o muro, destruído.

A dona de casa Maria de Nazaré Vilhena Costa, com três filhos também matriculados na Faria Lima, reclama da falta de serventes, seguranças e profissionais de limpeza: "Quem acaba limpando a escola é o pessoal da secretaria e os inspetores de aluno."

Os problemas no entanto vão além da questão material. "Minha filha está desde o ano passado sem aulas de educação física", contou Mariana. Até há cerca de um mês, a filha de Nazaré, aluna da 6ª série, estava sem aulas de português porque não havia professor. "Os professores de matemática também são outro problema, porque estão sempre sendo trocados", afirmou Nazaré.

Na Escola Estadual de 1º e 2º Graus Fernão Dias Paes, escola padrão localizada no bairro de Pinheiros, também na Zona Oeste, a situação não é diferente. De acordo com a

dona de casa Célia Maria Gobbet, mãe de dois filhos, faltam professores e funcionários para os serviços básicos, como limpeza e segurança.

"Minha filha começou a ter aulas de português e inglês há poucas semanas", afirmou. "E os professores que aparecem só enganam, não dão aula nenhuma." A psicóloga Olga Starzynski, com dois filhos na Fernão Dias, qualifica de "preocupante" a situação da escola. "Os 3 mil alunos ficam largados, não há segurança nenhuma", garantiu. Ela também reclama da falta de professores e de funcionários para a limpeza. "A propaganda que o governo faz da escola padrão é uma mentira."

Na EEPSG Buenos Aires, na Zona Norte, a carência de funcionários é o ponto crítico. "Temos 70 salas de aulas e apenas 6 funcionários para limpeza e 3 inspetores de aluno", contou a diretora Alice do Céu Pereira. Ela também se queixa da falta de profissionais para zelar pela segurança.

Na rede municipal, o quadro é o mesmo. A escola Tenente Alípio Andrade Serpa, situada na Vila Borges, Zona Oeste, lembra um cenário de guerra. Os poucos vidros inteiros das salas de aula estão imundos, há lixo espalhado por todo o terreno e as cercas de arame estão destruídas, pondo em risco a segurança dos estudantes. Para completar o quadro, a escola está sem diretor efetivo desde o começo do ano, além da falta de professores. Os alunos da 7ª série e de duas 5ªs séries estão sem aulas de matemática desde o início do ano.

**D**OCENTES  
SÃO SEMPRE  
TROCADOS,  
DIZEM MÃES